

Ala radical do PT cresce e vira impasse para Lula

Se vencer as eleições, ele terá de negociar com 26 dos 91 deputados e 3 dos 14 senadores petistas

SÉRGIO GOBETTI

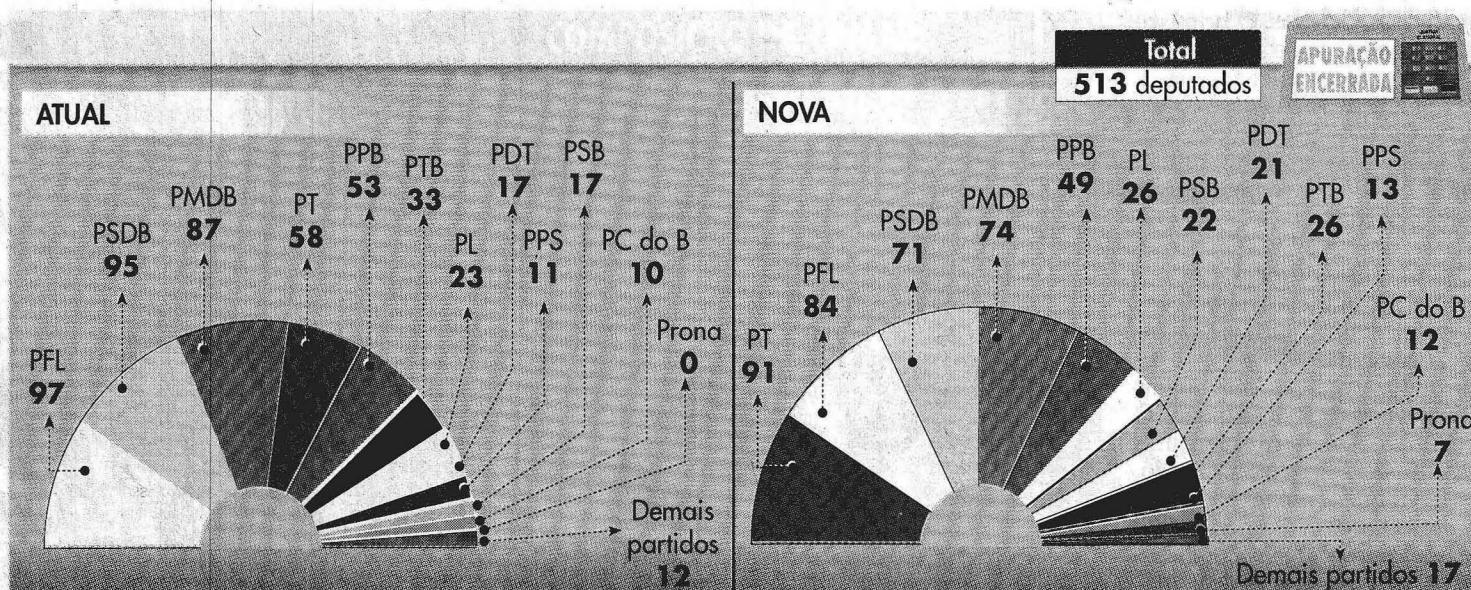
BRASÍLIA – As esquerdas do PT, que tanto preocupam o mercado no caso de vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiram eleger 26 dos 91 deputados federais petistas e 3 dos 14 senadores. O principal berçário é o Rio Grande do Sul, de onde virão seis parlamentares “radicais” para a Câmara.

Se estiver unido, esse grupo terá uma força comparável às bancadas do PL, PSB e PTB e superior às do PDT e PPS. O grupo pode incomodar Lula, em caso de sua vitória, com posições contrárias às limitações do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na prática, porém, esse bloco é bastante heterogêneo e é com isso que a cúpula nacional do partido conta para tentar “domesticar” uma parte deles, oferecendo cargos no governo e no Congresso. Ou seja, ao contrário do que os analistas de mercado

pensam, o convite para que “radicais” integrem o governo Lula não é um perigo, mas – talvez – uma solução, do ponto de vista da maioria dos petistas.

Questionado nesta semana sobre qual a influência da esquerda do partido em seu even-



tual governo, Lula tergiversou, dizendo que no PT as coisas são democraticamente discutidas, mas depois a minoria segue a linha majoritária.

Uma parte do PT tem essa prática, como a Democracia Socialista (DS), corrente do coordenador de fiscalização da campanha de Lula, Joaquim Soriano, e da senadora Heloísa Helena (AL). Entre militantes e “amigos”, segundo Soriano, a DS elegeu a senadora Ana Júlia, do Pa-

rá, e 11 deputados, como o ex-líder Walter Pinheiro (BA).

No Rio Grande do Sul, os quadros da DS administram os setores estratégicos do governo, como a Secretaria da Fazenda. A oposição ao PT gaúcho já chegou a comparar a rigidez fiscal

do secretário Arno Augustin com a de Pedro Malan.

Fôlego – Segundo outra líder da esquerda, a catarinense Marlene Rocha, da corrente Articulação de Esquerda, “os movimentos sociais vão dar um tempo a Lula” no início de governo.

Mas há correntes mais barulhentas que prometem pressionar o presidente desde o início do mandato. É o caso do Bloco de Esquerda, que reúne pequenos grupos radicais e elegeu sete deputados, entre os quais Luciana Genro (RS), Ivan Valente (SP) e Lindbergh Faria (RJ).

“A esquerda vai ter de batalhar para que Lula não se submeta aos acordos com o FMI e aumente o salário mínimo”, diz Luciana. Segundo ela, para mudar o modelo econômico é necessário um “choque de investimentos públicos”, o que não é possível cumprindo as metas de superávit primário negociadas.

TODOS
CONCORDAM
EM 'DAR UM
TEMPO' A LULA